



SI ME PERMITEN HABLAR NA EXTERIORIDADE DA FRONTEIRA-SUL

Julia Evelyn Muniz Barreto Guzman¹
Edgar César Nolasco²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo uma leitura da obra *‘Si me permiten hablar...’* testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia (1999) transcrito e organizado pela brasileira Moema Viezzer a partir do conceito de *exterioridade*. Mignolo afirma que “[...] há muitas *exterioridades*, quer dizer, o *exterior construído a partir do interior para limpar e manter seu espaço imperial [...]’* (MIGNOLO, 2008, p. 291). Pensar fora do pensamento moderno é pensar externo às epistemologias ocidentais, não só no sentido geográfico, mas, sobretudo no âmbito epistemológico. Para a leitura, utilizamos de uma metodologia bibliográfica pautada na Crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2013), um estudo centrado nos Estudos Pós-coloniais (MIGNOLO, 2003) e Crítico-biográficos (SOUZA, 2002). Esse trabalho se dá a partir de um lócus geohistórico fronteira específico, o estado de Mato Grosso do Sul, fronteira seca com os países Paraguai e Bolívia, assim entendemos que o viés da crítica-biográfica fronteira torna-se necessário para pensar melhor a discussão proposta. Ademais, buscamos estabelecer interrelações entre nosso *bios* e o de Domitila, desde nossos discursos de sujeitos da exterioridade, além de pensar e escrever a partir de *loci* subalternos nós na/da fronteira-sul do Brasil e Domitila Chungara de um acampamento mineiro na Bolívia.

Palavras-chave: Exterioridade. Fronteira. *Si me permiten hablar*.

SI ME PERMITEN HABLAR IN THE EXTERIORITY THE SOUTHERN BORDER

Abstract: *This work aims to read the work ‘Si me permiten hablar...’ testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia (1999) transcribed and organized by the Brazilian Moema Viezzer based on the concept of exteriority. Mignolo states that “[...] there are many exteriorities, that is, the exterior built from the interior to clean and maintain its imperial space [...]” (MIGNOLO. 2008, p.291). To think outside of modern thought is to think outside Western epistemologies, not only in the geographical sense, but especially in the epistemological sphere. For reading, we used a bibliographic methodology based on the frontier biographical Criticism (NOLASCO, 2013), a study centered on Postcolonial Studies (MIGNOLO, 2003) and Critical-biographical (SOUZA, 2002). This work takes place from a specific geo-historical border locus, the state of Mato Grosso do Sul, a dry border with the countries Paraguay and Bolivia, so we understand that the bias of the border-biographical criticism becomes necessary to better think the proposed discussion. In addition, we seek to establish interrelationships between our bios and that of*

1 Julia Evelyn Muniz Barreto Guzman é mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens - FAALC/UFMS. Bolsista CAPES. ORCID: 0000-0002-7272-8397. E-mail: juhuzman@gmail.com.

2 Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) da UFMS. ORCID: 0000-0002-8180-585X. E-mail: ecnolasco@uol.com.br.

Domitila, from our speeches by subjects from outside, in addition to thinking and writing from subordinate loci we on / in the southern border of Brazil and Domitila Chungara from a mining camp in Bolivia.

Keywords: Exteriority. Border. *Si me permiten hablar*.

Introdução

Domitila Chungara e nós falamos de um lugar externo ao da configuração moderna, somos sujeitos que falam da/na *exterioridade*. Nossa condição de exterior se dá pela nossa posição geográfica e epistêmica. Uma exterioridade geográfica, pois pensamos e erigimos nosso discurso da fronteira-sul do país e Domitila Chungara de um acampamento mineiro na cidade de Potosí (Bolívia), e epistêmica porque partimos de uma epistemologia a partir do Sul ao qual habitamos.

Como respaldo dessa conversa proposta, valemo-nos da obra *Si me permiten hablar, testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia* (1999), da brasileira Moema Viezzer. A obra é o resultado da transcrição e organização de entrevistas formais e conversas entre a boliviana Domitila Barrios de Chungara e a brasileira Moema Viezzer:

É o resultado de numerosas entrevistas que tive com ela no México e na Bolívia, de suas intervenções, conversas e diálogos [...] Todo o material gravado, como também alguma correspondência escrita, foi ordenado e posteriormente revisado com Domitila, dando lugar ao presente testemunho³ (VIEZZER, 1999, p. 01-02)

O encontro entre a brasileira Moema Viezzer e a boliviana Domitila Chungara aconteceu no ano de 1975 na Tribuna do Ano Internacional da Mulher, organizada pelas Nações Unidas no México. Domitila Chungara foi representando o “Comitê de Donas de casa da Siglo XX”, um comitê que reúne as esposas dos trabalhadores mineiros da Siglo XX⁴(centro produtor de estanho):

A ideia do presente testemunho surgiu da presença de Domitila Barrios de Chungara na Tribuna do Ano Internacional da Mulher, organizada pelas Nações Unidas e realizada no México, em 1975. Ali conheci esta mulher dos Andes bolivianos, esposa de um trabalhador mineiro, mãe de

3 “Es el resultado de numerosas entrevistas que tuve con ella en México y en Bolivia, de sus intervenciones en la Tribuna, así como también de exposiciones, charlas y diálogos [...]. Todo ese material grabado, como también alguna correspondencia escrita, fue ordenado y posteriormente revisado con Domitila, dando lugar al presente testimonio.”

4 Siglo XX foi um acampamento mineiro na Bolívia.

sete filhos, que chegou na Tribuna em representação do “Comitê de Donas de casa do Siglo XX”, organização que agrupa as esposas dos trabalhadores daquele centro produtor de estanho. Seus anos de luta e o reconhecimento da autenticidade de seu compromisso lhe renderam receber um convite oficial das Nações Unidas para estar presente naquele evento. Única mulher da classe trabalhadora que participou ativamente naquela Tribuna em representação da Bolívia, suas intervenções produziram um profundo impacto entre os presentes. Isso se deu em grande parte, a que “Domitila viveu o que outros falaram”, segundo um comentário de uma jornalista sueca.⁵ (VIEZZER, 1999, p. 01).

A boliviana era a única representante da classe trabalhadora e o impacto de suas intervenções durante a Tribuna chamou a atenção da brasileira Moema Viezzer e dos demais presentes. Esse impacto fez com que despertasse na brasileira o desejo de organizar esse relato, considerando o relato de Domitila como a voz do povo boliviano que sofreu e ainda sofre com a exploração mineira. O contexto da obra está a princípio centrado no cotidiano dos mineiros do acampamento Siglo XX ao lado de Llallagua, uma cidade boliviana, onde também vivem muitos mineiros, e de suas famílias. No decorrer da narrativa, o que se destaca é a luta pelo direito do povo por meio da participação de Domitila Chungara no Comitê das Donas de Casa.

1. *Si me permiten hablar na exterioridade da fronteira-sul*

Pensar o mundo da/na exterioridade, não é fazer um binarismo, mas reconhecer que foi construída uma exterioridade imaginária, que “nos espaços e tempos que a autonarrativa da modernidade inventou como seu exterior para legitimar sua própria lógica de colonialidade.” (MIGNOLO, 2017, p. 30). A exterioridade é um fora, que foi inventado no processo de criar um dentro (interioridade), a invenção de um mundo “outro” não habitável e descivilizado. Não é um fora da civilização e economia ocidental, mas uma invenção para controlar as pessoas que “caíram” fora da história construída na

⁵ “La idea del presente testimonio surgió de la presencia de Domitila Barrios de Chungara en la Tribuna del Año Internacional de la Mujer, organizada por las Naciones Unidas y realizada en México, en 1975. Allí conocí a esta mujer de los Andes bolivianos, esposa de un trabajador minero, madre de siete hijos, quien llegó a la Tribuna en representación del “Comité de Amas de Casa de Siglo XX”, organización que agrupa a las esposas de los trabajadores de aquel centro productor de estaño. Sus años de lucha y el reconocimiento de la autenticidad de su compromiso le valieron recibir una invitación oficial de Naciones Unidas para estar presente en aquel evento. Única mujer de la clase trabajadora que participó activamente en la Tribuna en representación de Bolivia, sus intervenciones produjeron un profundo impacto entre los presentes. Eso se debió, en gran parte, a que “Domitila vivió lo que otras hablaron”, según el comentario de una periodista sueca.” (Tradução nossa).

contínua colonização do espaço e do tempo desde o Renascimento. Pensar fora do pensamento moderno é pensar externo às epistemologias ocidentais, não só no sentido geográfico, mas sobretudo no âmbito epistemológico:

Não apenas fizeram as pessoas cair para fora da história, na exterioridade, mas também nas formas de governo e de organização econômica não-modernas. “Não-modernos” são os incas no Tawantinsuyu, a China da dinastia Ming e a revolução maoísta, África em geral, Rússia e Japão, para nomear uns poucos casos. (MIGNOLO, 2017, p. 29).

Nossa opção descolonial é um pensamento da/na “exterioridade, e em uma posição epistêmica subalterna vis-à-vis à hegemonia epistêmica que cria e constrói, erige um exterior a fim de assegurar sua interioridade.” (MIGNOLO, 2008, p. 304). O conceito de exterioridade, como nos afirma Edgar César Nolasco, na esteira do que afirma Mignolo, “se forma e se dá a ver, se não sem uma aparente dualidade, sempre a partir do que fora pensando dentro do sistema do pensamento moderno”. (NOLASCO. 2018, p. 89).

Nós enquanto habitantes fronteiriços somos/fazemos parte da exterioridade, não estando na posição de falar e pensar de um dos lados da fronteira, nossa teorização se desdobra “na barra que separa e une o dentro (a interioridade) do fora (a exterioridade)”⁶ (MIGNOLO, 2008, p. 121), do mesmo lugar que une e separa os dois lados da fronteira. Por isso, o conceito de exterioridade e nosso discurso não é um dualismo de dentro e fora ou exterior e interior. A exterioridade é:

[...] sempre a partir do que fora pensando dentro do sistema do pensamento moderno precisamos entender [...] que ainda precisa ser dito e entendido por todos nós que queremos pensar por fora do pensamento moderno e não mais passando, obrigatoriamente, por ele. (NOLASCO, 2018, p. 88).

Tal como está na passagem acima, cabe a nós nos colocarmos nesse espaço do exterior, não para fazer julgamento ou análise do “outro”. Tal importância se dá na aproximação de teorias advindas do corpo e do discurso daquele que se encontra na exterioridade. Estar imersa na fronteira-sul faz de nós imersos à exterioridade, assim nosso pensamento, ao contrário do viés moderno, não está em nenhum dos lados da fronteira, tampouco pensamos ou erigimos nosso discurso falando sobre o outro lado. A

6 “[...] en la barra que separa y une modernidad/colonialidad.”

exterioridade é sempre o que foi/é pensado de dentro do sistema do pensamento moderno. Mignolo no livro *El vuelco de la razón* (2011), afirma que:

[...] a exterioridade não é algo que se pode descrever somente do interior do sistema, mas que requer uma narrativa criada na mesma exterioridade, por quem e quem a habita. A diferença se instaura porque quem fala da exterioridade, fala a partir da diferença colonial, fala da fronteira. (MIGNOLO *apud* NOLASCO, 2018, p. 89).

Domitila e nós, por falarmos a partir de um lugar da exterioridade, garantimos um direito epistêmico de falar deste lugar, falamos da/na exterioridade e não somente sobre ela. Nos *loci* excluídos da interioridade, “existem pessoas, lugares outros, discursos, saberes e ignorâncias que sobrevivem em sua condição de *exterioridade*, ou de fronteiridade. Vidas habitam as fronteiras ignoradas.” (NOLASCO. 2018, p. 89). Vidas como a nossa, a de Domitila Chungara e de muitos outros *atravessados* (ANZALDÚA, 2007) em fronteiras ignoradas.

A boliviana Domitila Chungara, falava a partir de perspectivas de pensamentos silenciados que são levados ao esquecimento. Chungara no ano de 1975 recebeu um convite para representar as mulheres bolivianas na Tribuna do Ano Internacional da Mulher, organizado no México pelas Nações Unidas. Antes de chegar ao México uma senhora se aproximou da dela para elogiá-la, mas também alertou Domitila sobre as consequências que teria, caso Chungara falasse algo que fosse contra as autoridades da Bolívia. Na ocasião Chungara, mesmo com medo, não se deixou reprimir e aceitou falar da realidade de seu povo para todos que pudessem ouvir.

Eu pensava em minha responsabilidade de mãe e de dirigente e então meu papel no México parecia bastante difícil, ao lembrar o que me havia dito aquela senhorita. Eu me sentia entre a cruz e a espada, como dizemos vulgarmente. Mas eu estava decidida a levar a cabo a missão que me haviam confiado os companheiros e companheiras.⁷ (VIEZZER, 1999, p. 218).

Pela ação de rompimento com a tradição, o pensamento dela, assim como o nosso, é um pensamento desobediente que necessita ser ouvido. “De tal forma, uma vez que percebe que sua inferioridade é uma ficção criada para dominá-lo, e se não quer ser assimilado nem aceitar com a resignação “a má sorte” de ter nascido onde nasceu, então

⁷ “Yo pensaba en mi responsabilidad de madre y de dirigente y entonces mi papel en México me parecía bastante difícil, ao recordar lo que me había dicho aquella señorita. Yo me sentía entre a cruz y la espada, como décimos vulgarmente. Pero yo estaba decidida de llevar a cabo a misión que me habían confiado los compañeros y compañeras.” (Tradução nossa)

desprenda-se.” (MIGNOLO, 2017, p. 19). Domitila Chungara inicia sua luta pela vida de seu povo por sentir o que aqueles sentiam, por ter nascido onde nasceu e por perceber o que tantos outros fizeram pela Bolívia, mas foram ignorados. Chungara afirma:

Mas em Siglo XX, sim, comecei a me interessar, a me dar conta da briga e dos sofrimentos que o povo tinha. E isso foi despertando em mim um grande respeito pelo meu pai e pela causa para a qual ele se entregou. Siglo XX me fez compreender a sabedoria do povo. Quantos grandes nomes lutaram por nós, gente assim, de nosso mesmo povo [...]. Eu, por exemplo, conheci muitas mulheres que sequer tinham aprendido a falar um pouco mais que eu, mas que são heroínas anônimas, caladas, que defenderam com bastante valor o povo e foram mortas por sua causa.⁸ (VIEZZER, 1999, p. 75).

Desse lugar narrou suas experiências e as do povo mineiro boliviano, que até os dias de hoje, é um lugar que continua na margem e com pouca visibilidade. Um país que continua visto como um lugar pobre economicamente, culturalmente e intelectualmente. Essa premissa se dá uma vez que continuamos a ignorar que no lado sul também há produção de conhecimento. Dessa maneira, assim como nós, Domitila Chungara também fala de um lugar desvinculado aos projetos globais, ela fala de um lócus singular, a Bolívia, um país que durante anos luta para sair da condição subalterna.

Da mesma maneira, Domitila Chungara e nós pensamos da margem e nos preocupamos em particularidades e sensibilidades locais, biográficas e de gênero, e buscamos exprimir em nosso discurso nosso *bios* e lócus. Assim, a opção por uma epistemologia fronteira, que emerge da/na fronteira-Sul, da margem (da exterioridade), nos levam a pensar uma teoria capaz de caminhar em sentido oposto ao pensamento que impera, e que, cada vez mais, abre possibilidades de exterioridades, a fim de dominar tais mundos e conseqüentemente excluí-los. Nossa opção é um desprender-se dessas teorias:

Desprender-se significa não aceitar as opções que lhe brindam. Não pode evitá-las, mas ao mesmo tempo não quer obedecer. Habita a fronteira, sente na fronteira e pensa na fronteira no processo de desprender-se e subjetivar-se. (MIGNOLO, 2017, p. 19).

8 “Pero en Siglo xx, sí, comence a interesarme, a dar cuenta de la pelea y de los sufrimentos que tenía la gente. Y eso fue despertando em mí un gran respeto por mi padre y por la causa a la cual él se había entregado. Siglo XX me hizo comprender la sabiduría del pueblo. ¡Cuántos grandes hombres lucharon por lo nuestro, gentes así, de nuestro mismo pueblo! [...] Yo por ejemplo, he conocido a muchas mujeres que quizás no han aprendido a hablar un poco más como yo, pero que son heroínas anónimas, calladas, que han defendido con bastante valor al pueblo y han muerto por su causa.” (Tradução nossa).

Nossa opção por uma desobediência epistêmica que se dá por nossa opção epistêmica fronteira faz com que compreendamos que nossa epistemologia também deve ser a do Sul. A noção de dentro (centro) e exterioridade (periferia) só se constrói quando pensamos e partimos epistemologicamente a partir da própria exterioridade. A condição de tensão da fronteira e o confronto do sistema dominante economicamente presente na fronteira sul fazem dela um lugar de *exterioridade por excelência* (NOLASCO, 2018).

[...] E uma senhora, que era presidente de uma delegação mexicana, aproximou se de mim. Ela queria aplicar à sua maneira o lema da Tribuna do Ano Internacional da Mulher que era “igualdade, desenvolvimento e paz”. E me dizia: - Falaremos de nós, senhoras... Nós somos mulheres. Veja, senhora, esqueça-se do sofrimento de seu povo. Por um momento esqueça-se dos massacres. Já falamos bastante sobre isso. E já ouvimos bastante. Falaremos de nós... de você e de mim... das mulheres, pois.⁹ (VIEZZER, 1999, p. 224-225).

A passagem anterior é um exemplo de como tentaram silenciar Domitila, calar a boliviana seria o mesmo que excluir e ignorar o discurso subalterno. A Tribuna, lugar onde estavam reunidas mulheres de todas as partes do mundo a fim de discutir seus problemas de gênero, que, por sua vez, estão intrinsicamente associados a seus problemas sociais, parecia excluir os problemas das mulheres vinculadas com seu povo. Tornava-se assim um lugar perfeito para demonstrar que as epistemologias, os conhecimentos e os saberes do mundo acadêmico, social e cultural ainda imperavam e continuam a imperar.

Conclusão

Por habitar esse lugar de exterioridade por excelência, nossas experiências são um construto do lugar que pensamos, falamos e sentimos que se fazem presentes em nosso discurso, nosso corpo está presente intrinsecamente em nossos discursos. Nossa opção epistêmica, não é um abandono da acumulação dos conceitos e conhecimentos

9 “[...] Y una señora, que era la presidente de una delegación mexicana, se acercó a mí. Ella quería aplicarme a su manera el lema de la Tribuna del Año Internacional de la Mujer que era “Igualdad, desarrollo y paz”. Y me decía: -Hablaemos de nosotras, señora... Nosotras somos mujer. Mire, señora, olvídense usted de sufrimiento de su Pueblo. Por un momento, olvídense de las masacres. Ya hemos hablado bastante de esto. Y ala hemos escuchado bastante. Hablaemos de nosotras... de usted y de mí... de la mujer, pues.” (Tradução nossa).

ocidentais, é uma nova organização epistemológica a partir de nossa situação de sujeitos fronteiriços.

Os sofrimentos causados pela imposição de um pensamento cristalizado estão vivos nos corpos e nas mentes dos habitantes fronteiriços, as memórias destes são como feridas em seus corpos. Falar do testemunho da América Latina é falar de um testemunho que vive na exterioridade do testemunho da Europa. Se todas as narrativas de testemunho nascem e passam pelo testemunho europeu interno configurado socialmente, a narrativa da América Latina narra testemunhos de um sujeito outro. Diferente do Testemunho da Europa, o corpo que testemunha é outro, ele fala a partir de um lugar específico.

Referências

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. Trad. de Marcos de Jesus Oliveira. **Epistemologias do Sul**, foz do Iguaçu/PR, 1 (1), PR. 12-32, 2017.

_____. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

_____. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

_____. **Histórias locais/projetos globais**: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul. In: **Cadernos de Estudos Culturais**. Campo Grande, vol. 2, n 20., jul/dez, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes In: **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 23-58.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 111-121.

VIEZZER. Moema. **Si me permiten hablar... testimonio de Domitila uma mujer de las minas de Bolivia**. México: Siglo XXI Editores, 1999.